INTRODUÇÃO

1

11 Uma nova visão sobre as crianças pequenas (de 1 ano e meio a 3 anos)

13 Porque eu amo crianças pequenas

16 O que é preciso saber sobre as crianças

19 O papel dos pais segundo o método Montessori

21 Aproveite ao máximo este livro

UMA NOVA VISÃO SOBRE AS CRIANÇAS PEQUENAS (DE 1 ANO E MEIO A 3 ANOS)

Crianças pequenas são seres mal compreendidos e considerados difíceis. Não há muitos bons exemplos de como interagir com elas de maneira carinhosa, paciente e acolhedora.

Elas começam a andar, a explorar, a aprender a se comunicar com palavras e não têm muito controle sobre os impulsos. Elas ainda não toleram ficar muito tempo sentadas em cafés e restaurantes, se veem um espaço aberto saem correndo, fazem birras (em geral, nas horas e lugares mais inconvenientes) e mexem em tudo que acham interessante.

Quando chegam aos dois anos são chamadas de "terríveis", pois "não escutam ninguém", "continuam atirando tudo para todo lado", "não dormem nem comem direito e tampouco usam o banheiro corretamente."

Quando meus filhos eram pequenos, eu não achava correto obter sua cooperação com ameaças, subornos e deixando-os sozinhos por um tempo para pensarem no que tinham feito, mas era difícil encontrar alternativas.

Certa vez, quando meu primogênito era bem novinho, eu estava ouvindo uma entrevista no rádio. O convidado falava sobre os efeitos negativos de mandar a criança ficar sozinha por algum tempo como castigo, pois isso a privava do apoio necessário e a deixava com raiva do adulto, em vez de ajudá-la a se corrigir. Eu estava ouvindo atentamente esses conselhos sobre o que fazer em

vez disso, então, a entrevista acabou. Desde o ocorrido, minha missão tem sido encontrar um outro caminho.

A primeira vez que entrei em uma escola Montessori eu era uma mãe novata e instantaneamente me apaixonei. O ambiente era minuciosamente planejado e convidativo. Os professores eram acessíveis e falaram respeitosamente conosco e com o nosso bebê. Inscrevemo-nos na lista de espera da escola e entramos logo nas turmas para pais e bebês.

Aprendi muito nessas aulas sobre a abordagem montessoriana e crianças pequenas. As crianças pequenas florescem em um ambiente que as desafia; elas querem ser compreendidas e absorvem o mundo à sua volta como esponjas. Eu percebi que me relaciono facilmente com elas – entendo sua perspectiva e fico fascinada por seu modo de aprender. Tive a sorte de começar a trabalhar como assistente na sala de aula de Ferne van Zyl.

Eu continuo aprendendo com os cerca de mil pais e crianças que conheci ao longo de muitos anos nessas aulas. Participei da formação em Disciplina Positiva para docentes e aprendi Comunicação Não-Violenta. Continuo lendo inúmeros livros e artigos, falando com professores e pais, e ouvindo programas de rádio e *podcasts*. E aprendi muito com meus filhos, desde que eram bebês até se tornarem adolescentes.

Quero partilhar o que aprendi e traduzir a sabedoria Montessori em uma linguagem bem compreensível, para que você a aplique em sua casa. Ao optar por este livro, você deu um passo em sua jornada para descobrir outra maneira de agir com o seu filho, quer ele frequente ou não uma escola Montessori.

Você obterá as ferramentas para atuar em conjunto com a criança, irá guiá-la e apoiá-la, especialmente quando ela estiver passando por alguma dificuldade. Você aprenderá a organizar sua casa para se livrar do caos e introduzir mais calma na vida em família, assim como, a montar um espaço que seu filho possa explorar livremente. E você descobrirá como criar atividades montessorianas em casa para crianças pequenas.

Isso não acontecerá da noite para o dia, tampouco a ideia é recriar uma sala de aula montessoriana. Comece em pequena escala – trabalhe com o que já tem, tire alguns brinquedos de circulação e crie um esquema de rotatividade, passe a observar atentamente as crianças seguindo seus interesses – e aos poucos, estará incorporando cada vez mais ideias Montessori em sua casa e na vida cotidiana.

Espero lhe mostrar que há uma maneira mais pacífica para estar com seu filho pequeno. Quero ajudá-lo a plantar as sementes para criar um ser humano curioso e responsável, e a trabalhar em um relacionamento com seu filho que continuará evoluindo com o passar dos anos. Basta pôr em prática as filosofias da doutora Montessori todos os dias.

Afinal de contas, está mais do que na hora de termos um novo olhar sobre as crianças pequenas.

POR QUE EU AMO CRIANÇAS PEQUENAS

A maioria dos professores montessorianos prefere trabalhar com uma determinada faixa etária. Da minha parte, tenho o maior gosto por trabalhar com meus amigos pequenininhos e muita gente não entende essa preferência. Afinal, crianças pequenas podem dar muito trabalho, são emotivas e nem sempre nos escutam.

Eu quero pintar um novo retrato delas.

Crianças pequenas vivem no momento presente. Andar na rua com uma criança pequena pode ser encantador. Enquanto fazemos listas mentais de tudo o que precisamos resolver e dos ingredientes para preparar o jantar, elas se mantêm no presente e detectam os matinhos brotando em uma rachadura na calçada.

Quando passamos tempo com uma criança pequena, ela nos mostra como estar presente, pois está sempre focada no aqui e agora.

Crianças pequenas captam as coisas sem esforço. A doutora

Montessori observou que antes dos 6 anos as crianças absorvem tudo sem esforço, da mesma maneira que uma esponja absorve a água. Então ela cunhou a expressão *mente absorvente*.

Não se pode ensinar gramática nem estrutura de frases para um bebê de 1 ano. Mas aos 3 anos a criança já tem um vocabulário surpreendente, está aprendendo a construir frases simples e algumas conseguem até fazer parágrafos complexos. Compare tamanha facilidade ao esforço enorme que um adulto precisa fazer para aprender um novo idioma.

Crianças pequenas são imensamente capazes. Muitas vezes é só quando temos os nossos filhos que percebemos as habilidades das crianças e o quanto elas são imensamente capazes desde a mais tenra idade. Por volta dos 18 meses, elas podem começar a notar que estamos indo para a casa da vovó porque reconhecem coisas ao longo do caminho. Quando veem um elefante em um livro, elas correm para procurar seu elefante de brinquedo em uma cesta.

Quando organizamos a casa para torná-la mais acessível para as crianças pequenas, elas assumem tarefas com avidez, capacidade e prazer. Elas limpam coisas que derramaram, vão buscar a fralda para o irmãozinho bebê, jogam seu lixo na lixeira, nos ajudam a fazer comida e gostam de se vestir sozinhas.

Certo dia, um senhor veio fazer um conserto em nossa casa. Nunca vou me esquecer de sua expressão facial quando minha filha (que tinha menos de 2 anos) passou por ele a caminho do quarto, trocou de roupa, colocou algumas roupas molhadas num cesto e saiu para brincar. Ele ficou claramente surpreso de ver o quanto ela era capaz de se virar sozinha.

Crianças pequenas são inocentes. Eu acho que as crianças pequenas não têm um pingo de maldade, mas, caso vejam alguém entretido com um brinquedo, podem simplesmente pensar, *quero agora mesmo esse brinquedo*, e tirá-lo à força da outra criança. Às vezes, elas fazem coisas para causar uma reação (*Vou derrubar essa xícara para ver a reação da minha mãe*) ou ficam frustradas se alguma coisa não acontece conforme esperavam.

Todavia, elas não são más, rancorosas nem vingativas. São apenas impulsivas e seguem seus ímpetos.

Crianças pequenas não guardam rancor. Imagine uma criança pequena que deseja ficar no parque quando é hora de voltar para casa, então, faz uma cena daquelas. A birra pode durar até meia hora, mas quando se acalma (às vezes, com uma ajudinha), ela volta a ser alegre e curiosa – ao contrário dos adultos, que às vezes acordam de mau humor e ficam irritados o dia inteiro.

Crianças pequenas também perdoam com facilidade. Às vezes, fazemos alguma coisa errada - perdemos a paciência, não cumprimos o que prometemos ou apenas ficamos aborrecidos. Quando pedimos desculpas a uma criança pequena, estamos demonstrando como fazer as pazes com alguém, e é bem possível que ela nos dê um abraço apertado ou nos surpreenda com uma palavra gentil. Quando temos uma base sólida com os filhos, eles cuidam de nós, assim como cuidamos deles.

Crianças pequenas são autênticas. Adoro ficar com crianças pequenas, pois elas são diretas e sinceras. Dizem o que pensam, vivem com o coração na mão e sua autenticidade é contagiante.

Todos que já passaram algum tempo com uma criança pequena sabem que ela é capaz de apontar alguém no ônibus e dizer em voz alta, "aquele homem não tem cabelo". O adulto acompanhante fica com vontade de sumir, mas a criança não fica nem um pouco envergonhada.

Com elas, só há franqueza e inexistem intenções e motivos ocultos. Elas sabem ser autênticas, não duvidam de si mesmas e não julgam os outros. Certamente, deveríamos aprender com elas.

Nota: Quando falo em crianças pequenas me refiro àquelas que têm entre 1 e 3 anos.

O QUE É PRECISO SABER SOBRE AS CRIANÇAS

Crianças pequenas precisam dizer "não". Uma das fases do desenvolvimento mais importantes de uma criança pequena envolve a "crise de autoafirmação". Entre 18 meses e 3 anos, as crianças percebem que sua identidade é separada daquela dos pais e começam a desejar mais autonomia. Ao mesmo tempo, começam a dizer "não" e a usar o pronome pessoal *eu*.

Esse movimento em direção à independência não se desenrola facilmente. Alguns dias elas nos repelem, pois querem fazer tudo sozinhas; outros dias elas se recusarão a fazer qualquer coisa ou ficarão grudadas em nós.

Crianças pequenas precisam se movimentar. Assim como os animais detestam ficar enjaulados, as crianças pequenas não ficam muito tempo paradas e querem continuar aperfeiçoando os movimentos. Após conseguir ficar em pé, tentam escalar e andar. Após conseguir andar, querem correr e arrastar objetos pesados — quanto mais pesados, melhor. Há até um termo para o desejo de se desafiar no nível mais alto, a exemplo de carregar objetos grandes ou mover malas e móveis pesados que se chama: *máximo esforço*.

Crianças pequenas precisam explorar e descobrir o mundo à sua volta. A abordagem montessoriana recomenda que aceitemos isso organizando espaços seguros para a criança explorar, convocando-a para atividades da vida cotidiana que envolvam seus cinco sentidos e deixando-a explorar coisas ao ar livre. É preciso liberar as crianças para se sujarem de terra, tirarem os sapatos na grama, chapinharem na água e correrem na chuva.

Crianças pequenas precisam de liberdade. Essa liberdade as ajuda a crescerem e a se tornarem aprendizes curiosas que

experimentam coisas sozinhas, fazem descobertas e sentem que têm controle sobre si mesmas.

Crianças pequenas precisam de limites. Esses limites irão mantê-las seguras, ensinar-lhes a respeitar os outros e seu ambiente, além de ajudá-las a se tornarem seres humanos responsáveis. Ter limites também ajuda o adulto a agir antes que um limite seja ultrapassado, para evitar gritarias, raiva e culpabilização. A abordagem montessoriana não é permissiva nem mandona e ensina os pais a serem líderes calmos para os filhos.

Crianças pequenas precisam de ordem e consistência. Elas preferem que as coisas sejam exatamente iguais todos os dias – a mesma rotina, as coisas no mesmo lugar e as mesmas regras. Isso as ajuda a entender o sentido de seu mundo e a saber o que esperar.

Se os limites não forem consistentes, as crianças continuarão testando os pais para ver o que eles decidem dia após dia. Se descobrirem que fazer birra ou resmungar funciona, elas tentarão novamente. Isso se chama *reforço intermitente*.

Se entendermos essa necessidade infantil, teremos mais paciência e compreensão. E quando não pudermos prover a mesma coisa diariamente, perceberemos quando as crianças precisam de mais apoio. Em vez de achar que elas estão sendo tolas, seremos capazes de ver pelo ponto de vista delas, e que a situação não é como elas estavam esperando. Podemos ajudá-las a se acalmarem e, quando estiverem calmas, ajudá-las a achar a solução.

Crianças pequenas não nos dão trabalho. São elas que estão tendo muito trabalho. Eu adoro essa ideia (atribuída à educadora Jean Rosenberg no artigo "Seeing Tantrums as Distress, Not Defiance" publicado no *New York Times*). Ao perceber que o comportamento difícil das crianças na verdade é um pedido de ajuda, devemos nos perguntar, *como posso ser útil agora?* Paramos de nos sentir atacados e buscamos ser mais acolhedores.

Crianças pequenas são impulsivas. Seu córtex pré-frontal (a parte do cérebro que abriga os centros de autocontrole e tomada de

decisões) ainda está se desenvolvendo e assim continuará por mais 20 anos. Isso significa que precisamos orientar as crianças se elas estiverem subindo novamente na mesa ou puxando algo das mãos de alguém, e ser pacientes se elas ficarem emotivas. Costumo dizer que "nós precisamos ser o córtex pré-frontal delas".

Crianças pequenas precisam de tempo para processar o que estamos dizendo. Em vez de dizer repetidamente para a criança calçar os sapatos, podemos contar mentalmente até dez para lhe dar tempo de processar o pedido. Muitas vezes, quando chegamos ao oito, elas começam a reagir.

Crianças pequenas precisam se comunicar. Nossos filhos tentam se comunicar conosco de muitas maneiras. Os bebês vocalizam sons sem significados e nós emitimos outros sons de volta; as crianças pequenas balbuciam e podemos mostrar interesse pelo o que elas estão dizendo; as crianças um pouco maiores adoram fazer e responder perguntas; e devemos usar uma linguagem rica com as crianças pequenas, pois eles absorvem tudo como uma esponja.

Crianças pequenas adoram adquirir destreza. Crianças pequenas adoram repetir habilidades até dominá-las. Observe-as e note o que estão se esforçando para aprender. Geralmente é algo desafiador, mas não tão difícil a ponto de fazê-las desistir. Elas repetirão o processo inúmeras vezes até aperfeiçoá-lo. Então, irão se empenhar em outras coisas.

Crianças pequenas gostam de contribuir e ser parte da família. Elas parecem ter mais interesse nos objetos manuseados por seus pais do que nos próprios brinquedos. E gostam muito de ajudar quando os adultos preparam a comida, lavam roupas, se preparam para receber visitas e coisas do gênero. Quando deixamos o tempo fluir, preparamos terreno para elas terem êxito e diminuimos as expectativas em relação ao resultado, nós as ensinamos como ser um membro útil da família. Essas são coisas que a criança continuará desenvolvendo a partir do início da escolarização e durante a adolescência.

O PAPEL DOS PAIS SEGUNDO O MÉTODO MONTESSORI

Quando comecei a estudar o método Montessori, confesso que meu interesse de certa forma era superficial. Eu me sentia atraída pelos seus ambientes e atividades e queria proporcionar materiais e espaços bonitos e interessantes para os meus filhos. Mas, no final das contas, não estava errada. É o lugar mais fácil para começar.

Anos depois, vejo que o método Montessori realmente é um estilo de vida. Até mais do que as atividades e os espaços, o método Montessori influenciou como me relaciono com meus filhos, com as crianças que vêm para minhas aulas e com as crianças com quem tenho contato na vida cotidiana. Trata-se de estimular a curiosidade infantil, aprender a ver e aceitar de fato cada criança como ela é, sem julgamento, e continuar conectada com ela até quando é preciso impedi-la de fazer algo que realmente quer fazer.

Não é difícil aplicar as práticas Montessori em casa, mas isso é bem diferente da forma como nós fomos criados

Na abordagem montessoriana, nós vemos cada criança como uma pessoa singular e com um caminho próprio. Nós apoiamos as crianças sendo seu guia e líder gentil. Elas não são algo a ser moldado naquilo que vemos como seu potencial ou para compensar nossas experiências ou desejos insatisfeitos na infância.

Assim como um jardineiro, nós plantamos sementes, proporcionamos as condições adequadas e damos alimentação, água e luz suficientes. Observamos as sementes e, sempre que necessário, ajustamos os cuidados. E as deixamos crescer. É assim também que devemos criar nossos filhos. Essa é a maneira Montessori. Nós estamos plantando as sementes que são as crianças pequenas, proporcionando-lhes as condições adequadas, fazendo ajustes quando é preciso e observando seu crescimento. Elas decidirão o rumo de suas vidas.

> "Os educadores [incluindo os pais] se comportam como bons jardineiros e agricultores em relação às suas plantas."
>
> — Maria Montessori, Formação do Homem

CRIANÇAS PEQUENAS SÃO BRILHANTES

O que parece falta de flexibilidade (“Não consigo comer o mingau sem minha colher favorita!”) **NA VERDADE É** uma expressão de seu senso forte de ordem.

O que parece uma batalha entre seu bom senso e as vontades dele **NA VERDADE É** seu filho aprendendo que nem sempre as coisas são como ele quer.

O que parece a repetição infindável do mesmo jogo maçante **NA VERDADE É** a criança tentando ganhar destreza.

O que parece uma birra explosiva **NA VERDADE É** a criança dizendo, “eu adoro tanto você que me sinto segura para despejar tudo o que ficou engasgado o dia inteiro”.

O que parece estar sendo feito lentamente de propósito **NA VERDADE É** que ela está explorando tudo o que encontra em seu caminho.

Algo constrangedor que uma criança pequena diz em público **NA VERDADE É** a incapacidade para mentir, pois ela é um modelo de sinceridade.

O que parece outra noite de sono interrompido **NA VERDADE SÃO** bracinhos roliços lhe apertando no meio da noite para expressar seu amor puro por você.

APROVEITE AO MÁXIMO ESTE LIVRO

Você pode ler este livro do início ao fim ou apenas abri-lo em uma página que o interesse e achar algo prático para usar hoje.

Às vezes, é penoso imaginar por onde começar. Para facilitar, incluí algumas questões-chave no final de cada capítulo para que você comece a introduzir a abordagem montessoriana em sua casa e na sua vida cotidiana. Há boxes e listas que servem de referência em todo o livro. Há também uma tabela útil no apêndice intitulado "*Em vez disso, diga aquilo*", que talvez você queira copiar e pendurar como lembrete em algum lugar da casa.

Além de toda a sabedoria Montessori, os numerosos livros, *podcasts* e cursos de formação, que descobri ao longo dos anos, complementam a abordagem montessoriana e me ajudam a ser uma guia bondosa e firme para as crianças pequenas nas minhas classes e para os meus filhos.

Use este livro como inspiração. O objetivo não é fazer todas as atividades, ter um espaço totalmente organizado, nem ser uma mãe ou pai perfeito. As metas são aprender a ver e a apoiar as crianças, se divertir com elas, ajudá-las nos momentos difíceis e se lembrar de sorrir quando estiver levando tudo a sério demais. Afinal de contas, trata-se de uma jornada, não de um destino.